

## **PSICOLOGIA AMBIENTAL E A SUBJETIVAÇÃO DO ESPAÇO ACADÊMICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Rafael Anuniação Oliveira**<sup>1</sup>  
Faculdade Anísio Teixeira

**Thaís Farias Almeida**<sup>2</sup>  
Faculdade Anísio Teixeira

**Nayana Sepúlveda Suzart**<sup>3</sup>  
Faculdade Anísio Teixeira

**Resumo:** No campo da Psicologia Ambiental (PA) destacam-se dois construtos que se relacionam entre si, o ambiente restaurador e o lugar. O ambiente restaurador pode ser caracterizado como espaço promotor de bem-estar, no que se refere a diminuição da atenção concentrada e alívio da fadiga mental. O lugar é o espaço em que o sujeito atribui significados pelas vivências e sentimentos. O presente estudo trata-se de relato de experiência de uma proposta de intervenção no campo da Psicologia Ambiental, tendo como foco a estética do ambiente restaurador/acolhedor no contexto educacional. Objetivou-se refletir sobre os fatores que estão associados à caracterização de um ambiente acolhedor e promotor de bem-estar psicológico no contexto universitário. Participaram da intervenção 17 estudantes de graduação em Psicologia. Utilizou-se como metodologia a dinâmica de Auto-Apresentação de Rojas-Bermúdez (1977) e a roda de conversa. Os dados obtidos foram analisados à luz das teorias de Kaplan (1989). Como resultado da proposta de intervenção, pôde-se verificar as principais características associadas a espaços percebidos como restauradores e refletir sobre processo de subjetivação em transformar o espaço da universidade em um lugar de significados para os estudantes. Conclui-se que a estruturação de um espaço acolhedor é um importante requisito para o estímulo de vivências mais positivas e sustentáveis no ambiente educacional.

**Palavras chave:** Espaço acolhedor. Psicologia Ambiental. Saúde Mental.

### SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

#### **Rafael Anuniação Oliveira**

Acadêmico do 8º semestre do Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Anísio Teixeira de Feira de Santana (FAT). E-mail: rafaelolvra@gmail.com

#### **Thaís Farias Almeida**

Acadêmica do 8º semestre do Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Anísio Teixeira de Feira de Santana (FAT). E-mail: thaifarias.16@gmail.com

#### **Nayana Sepúlveda Suzart**

Mestre em Desenho Cultura e Interatividade na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS, 2016). Especialista em Psicologia do Trânsito pela Faculdade Estácio de Sá (2016) e Gestão em Pessoas pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC, 2010). Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana - Bahia (FTC, 2009). E-mail: naysuzart@hotmail.com

## Introdução

A Psicologia Ambiental, iniciada em meados da década de 70, é uma vertente da Psicologia, que possui por base estudar a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações - e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social (MOSER, 1998). Segundo Günther e Rozestraten (2005), essa relação do comportamento humano e o meio ambiente estão intrínsecos pelas percepções dos sujeitos, por seus valores, por suas crenças e suas subjetividades.

O interesse pelo estudo da Psicologia Ambiental (PA) e assuntos relacionados tem sido crescente na literatura científica, particularmente nos últimos anos. Consoante com Günther e Rozestraten (2005), uma razão para o aumento do ensino e de pesquisas sobre este tema deve-se ao inter-relacionamento entre comportamento e ambiente físico, tanto o construído quanto o natural, e as possibilidades de interdisciplinaridade.

No campo da Psicologia Ambiental (PA) destacam-se dois construtos que se relacionam entre si e que serão enfatizados no presente trabalho: os ambientes restauradores e o lugar. Os ambientes restauradores caracterizam-se como espaços promotores de bem-estar, no que refere-se à diminuição da atenção concentrada e alívio da fadiga mental (ALVES, 2011). O lugar é o espaço em que o sujeito atribui significados pelas vivências e sentimentos, ou seja, o lugar é o espaço onde o indivíduo estabelece relação simbólica, social e afetiva (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

Por outro lado, a vida universitária compõe importante parte da vida de muitos brasileiros e é marcada por vivências que demandam responsabilização e sociabilidade. Assim, a relação com um espaço acolhedor/restaurador que colabore na promoção da saúde dos estudantes do ensino superior é uma importante questão de saúde pública, com impacto pessoal, ambiental, social e institucional. A compreensão pela temática é imprescindível no cenário atual, aja vista que o aumento do sofrimento psíquico no ambiente acadêmico universitário vem crescendo mundialmente (GRANER; RAMOS-CERQUEIRA, 2017).

Portanto, sob a estética dos ambientes restauradores e sua influência para a transformação do espaço em um lugar de significados, justifica-se sua relevância do estudo. Pois, ao estudar os ambientes restauradores e o vínculo com o lugar no contexto educacional, é possível refletir sobre os fatores que podem contribuir para caracterização do espaço universitário como restaurador e de significados.

Partindo dessa constatação e da lacuna científica acerca de trabalhos nessa perspectiva com estudantes universitários de instituições do setor privado, o presente estudo trata-se de um relato de experiência de uma proposta de intervenção no campo da Psicologia Ambiental. Objetivou-se refletir sobre os fatores que estão associados à caracterização de um espaço acolhedor e promotor de bem-estar psicológico no contexto universitário. Dessa forma, desenvolve-se reflexões acerca do contexto acadêmico, características do ambiente restaurador e sua relação com a transformação do espaço universitário em um lugar de significados.

## Metodologia

Trata-se de um relato de experiência de uma proposta de intervenção no campo da Psicologia Ambiental, realizada a partir da aplicação da dinâmica de Auto-Apresentação (ROJAS-BERMÚDEZ, 1977) e Roda de Conversa. Os participantes foram 17 estudantes universitários (3 do sexo masculino e 14 do sexo feminino), graduandos do curso de Psicologia em uma faculdade privada, localizada no município de Feira de Santana, Bahia.

Para a construção teórica realizaram-se pesquisas bibliográficas de caráter descritivo em base de dados eletrônicos (SciELO e BVS Psi) em que utilizou-se de documentos científicos de domínio público produzidos no âmbito das universidades e dos centros de pesquisa. O critério de seleção dos artigos considerou a relação com a temática investigada: Ambiente e Ambiente Restaurador; Psicologia Ambiental e Saúde Mental.

Segundo Rojas-Bermúdez (1977), a dinâmica da Auto Apresentação consiste na representação simples, por meio do discurso oral das situações cotidianas vivenciadas. Tal técnica foi adaptada para o contexto acadêmico universitário. Assim, na intervenção realizada os sujeitos puderam apresentar suas percepções e atribuir significados as relações interpessoais, simbólicas e afetivas vinculadas ao contexto universitário.

A dinâmica consistiu na exibição de imagens dos espaços físicos da faculdade, os quais os alunos têm contato diariamente. Foi solicitado que os estudantes observassem atentamente as imagens e que pudessem perceber as lembranças que emergiam para cada espaço. Após, foi solicitado a cada participante a realização de três tarefas: (1) citar um fator que percebe associado à caracterização de um ambiente acolhedor; (2) relatar o espaço na instituição de ensino superior o qual considera acolhedor/restaurador e (3) justificar sua escolha. Ao fim da exposição das três tarefas por todos os participantes, os facilitadores da dinâmica de grupo transmitiram o *feedback*, apresentando os fatores e locais que foram mais

repetidos pelos estudantes. Assim, abriu-se o tema para discussão, através de uma roda de conversa.

A Roda de Conversa é uma possibilidade metodológica para uma comunicação dinâmica e produtiva que apresenta-se como um rico instrumento para ser utilizado como prática metodológica de aproximação entre os sujeitos no cotidiano pedagógico (MELO; CRUZ, 2014). Entende-se que as informações produzidas nesse contexto são de caráter qualitativo, pois as opiniões expressas nessas Rodas de Conversa são “falas” sobre determinados temas discutidos pelos participantes sem a preocupação com o estabelecimento de um consenso, podendo as opiniões convergirem ou divergirem, provocando o debate e a polêmica. Cabe ao mediador garantir a participação igualitária de todos, bem como atender aos critérios de estruturação da discussão. Por sua possibilidade de interação entre os participantes, a técnica da Roda de Conversa assume as mesmas características da técnica do grupo focal que é definida por Gaskel (2002, p. 79), como:

[...] uma “esfera pública ideal”, já que se trata de “um debate aberto e acessível a todos [cujos] assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração; e o debate se fundamenta em uma discussão racional”.

Essa definição não só dimensiona as possibilidades interativas da Roda de Conversa como expressa uma característica de criar um espaço de diálogo e de escuta das diferentes “vozes” que ali se manifestam, constituindo-se num instrumento de compreensão de processos de construção de uma dada realidade por um grupo específico. Como reforça Gatti (2005, p.11), essa técnica:

[...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

Por sua característica interacional, essa técnica de pesquisa exige cuidados metodológicos que não devem ser desconsiderados pelo pesquisador, como alerta Gatti (2005), citando a preocupação em manter o foco no assunto em pauta, a necessidade de conservação de um clima aberto às discussões, o estabelecimento de um clima de confiança

para que os participantes se sintam à vontade para expressarem ativamente suas opiniões. Ainda segundo Gatti (2005, p. 13):

Com esses procedimentos, é possível reunir informações e opiniões sobre um tópico em particular, com certo detalhamento e profundidade, não havendo necessidade de preparação prévia dos participantes quanto ao assunto, pois o que se quer é levantar aspectos da questão em pauta considerados relevantes, social ou individualmente, ou fazer emergir questões inéditas sobre o tópico particular, em função das trocas efetuadas.

De acordo com Guarda; Luz; Rodrigues e Beltrame (2017), a Roda de Conversa como instrumento metodológico, abre espaço para que os sujeitos envolvidos no processo estabeleçam um espaço de diálogo e interação no contexto educacional, ampliando suas percepções sobre si, sobre o outro e sobre o espaço, em um movimento de alteridade e compreensão sobre a voz do outro em seu contínuo espaço de tempo. Através da metodologia apresentada, foi possível utilizar a dinâmica de Auto-Apresentação (ROJAS-BERMÚDEZ, 1977) como elemento disparador para as temáticas discutidas na roda de conversa. As narrativas apresentadas pelos estudantes foram organizadas de forma descritiva nos quadros 1 e 2 e analisadas à luz das teorias de Kaplan (1989) e Kaplan (1995).

### **Ambiente Restaurador e Vínculo com o Lugar**

Os primeiros livros tratando a temática da Psicologia Ambiental (PA) foram publicados, naturalmente, nos Estados Unidos, na década de 70, apenas 10 anos antes do que na França, sendo ainda uma disciplina bastante jovem, até mesmo mais jovem do que a Psicologia brasileira (MOSER, 1998). A Psicologia Ambiental pode ser definida como o estudo do inter-relacionamento entre comportamento e ambiente físico, tanto o construído quanto o natural (FISHER, BELL & BAUM, 1984). De acordo com os autores, seis aspectos podem ser utilizados para a caracterização da Psicologia Ambiental como: Gestalt e a sua abordagem “holística”; a inter-relação; pressupostos da Psicologia Social; a interdisciplinaridade; a diversidade de abordagens metodológicas e o modelo utilizado de pesquisa-ação. Salienta-se que a apresentação de Fischer *et al* (1984), sobre as características da Psicologia Ambiental não pretende, em absoluto, dogmatizar este ponto de vista. As características que um Psicólogo Ambiental aceita como essenciais dependem em parte de sua posição geral frente à Psicologia considerando-a uma ciência natural ou uma ciência humana (GUNTHER; ROZENSTRATEN, 2005).

Para Canter e Craik (1981), a PA define-se como o estudo da transação entre o indivíduo e o ambiente físico (tanto o ambiente natural quando construído). Dessa forma, os autores envolvem estudos de percepção (como o indivíduo percebe o ambiente), de cognição (como a mente do indivíduo absorve e estrutura as informações recebidas do meio ambiente), do comportamento (como o indivíduo compreende, reage e modifica o meio ambiente); ou seja, como esse processo influencia o comportamento humano. Em outras palavras, é a área da Psicologia que faz a junção e analisa a transação e inter-relacionamento da experiência e ações humanas com aspectos pertinentes do ambiente social e físico. Deixa o indivíduo como centro da preocupação do profissional da Psicologia, em saber como o mesmo reage com as condições do ambiente. A Psicologia Ambiental tem grande interesse acerca das condições do ambiente e dos comportamentos individuais, ou seja, como esse indivíduo percebe o espaço, como atua sobre ele e como percebe seu entorno. A PA pode ser considerada a Psicologia do espaço/lugar onde os indivíduos interagem, em suas casas, escolas, comunidades, ou seja, uma interação de relações da pessoa-ambiente (KUHLEN; BERNARDES, 2014).

O conceito de ambiente é considerado multidimensional e está indissociável do meio físico que se vive, do espaço construído e do natural. Além disso, possui pressupostos e componentes multifatoriais tais como: aspectos físicos; não físicos e aspectos sociais. Conforme Houaiss (2009, p. 183), ambiente é tudo o que rodeia ou envolve por todos os lados os seres vivos ou coisas e constitui o meio em que se vive. O conjunto de condições materiais, culturais, psicológicas e morais que envolvem uma ou mais pessoas. A Psicologia Ambiental ao enfatizar a dimensão física do ambiente, propõe-se relacionar em as percepções, atitudes, sentimentos e comportamentos das pessoas com os aspectos físicos ambientais, compreendendo que os mesmos estão imersos em sistemas mais amplos, tais como os sistemas sociais, econômicos, políticos e culturais.

Quando trata-se de espaço físico e lugar, várias definições apresentam-se além das definidas pelos dicionários. Para o geógrafo Milton Santos o espaço não se qualifica da maneira tradicional como consta nos dicionários (geograficamente), ele adquire uma noção de tempo, permitindo o reconhecimento do movimento e apresentando as coisas de maneira heterogênea (SANTOS, 1982).

Conforme Arantes (2000), lugar não se confunde com espaço físico, o espaço físico é aquele desprovido de significados, enquanto o lugar qualifica-se em um fato, acarretando significados. Prosseguindo com as definições, apresenta-se o não-lugar, apresentado por

Augé (2001), que é exatamente o oposto do lugar. Arantes (2000), afirma que o lugar é dotado de significados históricos ou pessoais, o espaço que assim não o é, é classificado como um não-lugar. “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar.” (AUGÉ, 2001, p. 73).

Sobre a criação de não-lugares, Augé (2001) acredita que a super modernidade é a produtora deles. “O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (AUGÉ, 2001, p. 74). Ao citar Certeau (1990), o autor relata que o espaço é o lugar praticado, ou seja, as pessoas são as responsáveis por fazerem do espaço, um lugar. Tuan (1983), aborda que o lugar é tido como uma segurança e o espaço relaciona-se com a liberdade, onde a sociedade sempre está ligada àquele e buscando este. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (TUAN, 1983, p. 6). Consoante com Fernandes (2014), no dado momento em que um espaço torna-se um lugar para os seres humanos, estes adquirem um determinado vínculo com o lugar. Tomando-o como próprio e cuidando da mesma forma.

Nós, seres humanos, somos seres espaciais. Usamos o espaço ao nos relacionarmos uns com os outros e também estabelecemos relações específicas com o ambiente (CAVALCANTE; ELALI, 2017). Restaurar é o que recupera-se, que restabelece. Ao abordar os ambientes restauradores tem-se como ponto de partida a teoria da restauração de Kaplan e Kaplan (1989), os autores investigaram as propriedades dos ambientes, naturais ou construídos, e como eles podem restaurar a fadiga e a atenção. Ambientes restauradores são aqueles que permitem a renovação da atenção direcionada e, conseqüentemente, a redução da fadiga mental. Isso implica, necessariamente, uma condição de diminuição – nesse caso, de atenção – e requisita um meio pelo qual essa atenção chegue a um estado de equilíbrio (KAPLAN, 1989, KAPLAN; 1995).

Na pesquisa de Kaplan e Kaplan (1989), para o ambiente ser considerado restaurador necessita-se de quatro características principais: escape; escopo; fascinação e compatibilidade. Ademais, fatores como a história do indivíduo com o lugar, a inter-relação das pessoas com o lugar e as características benéficas que o indivíduo produz do lugar, são questões que também tornam um ambiente restaurador para o sujeito. O que é considerado ambiente restaurador para um indivíduo, pode não ser para outro. Este ambiente que cada indivíduo possui é benéfico, pois, ao lembrar, visualizar imagens, ir até o lugar ou encontrar

pessoas que fazem parte do ambiente restaurador, configuram-se como possibilidades de se manter em contato com o lugar que lhe transmite sensações positivas.

Segundo Kuhnen e Bernardes (2014), a exposição a ambientes restauradores pode contribuir para o bem-estar e a prevenção de doenças, bem como o alívio de agentes estressores. Como tal, os ambientes restauradores são um tema de destaque no estudo de benefícios para a saúde.

Levando-se em conta que os processos evolutivos do ser humano surgiram dos questionamentos sociopolíticos gerados de produtos educativos conservadores, surgiram contribuições notáveis para a área da PA os quais foram iniciados desde a teoria do desenvolvimento humano elaboradas por Vygotsky, Piaget, Erikson e Bronfenbrenner, até as que resultam nas interações com o ambiente e suas consequências sobre os enfoques pedagógicos modernos.

Percebe-se, portanto, uma estreita relação entre os construtos ambiente restaurador e lugar. Por meio da produção de sentidos, o sujeito transforma o espaço indiferenciado em um lugar. Para Fernandes (2014), geralmente, quando os significados são produzidos através de relações simbólicas, afetivas e sociais vistas como positivas, esse lugar também pode ser considerado como restaurador.

## Resultados e Discussões

Os fatores mencionados pelos estudantes que caracterizam um ambiente acolhedor/restaurador foram: amizade; bondade; criatividade; dedicação; estrutura; felicidade; grupos; harmonia; limpeza; motivação; novidades; pessoas; respeito; silêncio; tempo; união e valores. Os espaços na instituição de ensino superior considerados pelos discentes como acolhedores e/ou restauradores estão representados no Quadro 1.

QUADRO 1 – Espaços na instituição de ensino superior considerados acolhedores e/ou restauradores pelos estudantes. **Fonte:** Elaboração dos autores (2019).

ESPAÇOS	QUANTIDADE
Sala de aula	04
Biblioteca	03
Praça de convivência	03
Portaria	02
Cantina	02
Prédio do Anexo	02
Centro de Pesquisa	01

Verifica-se, de acordo com os dados colhidos, que fatores relacionados à subjetividade (bondade, criatividade, felicidade, motivação e valores), configuração do espaço construído (estrutura, limpeza e silêncio) e nas relações interpessoais (amizade, grupos, pessoas e união) são de fundamental importância na concepção dos estudantes do que é considerado um ambiente acolhedor e podem ser observadas através de trechos de fala apanhados dos participantes no Quadro 2.

QUADRO 2 – Trechos das narrativas dos estudantes colhidas na roda de conversa.

Fonte: Elaboração dos autores (2019).

PARTICIPANTES	TRECHOS DAS NARRATIVAS
Participante 1	<i>"A gente passa 05 anos fazendo o curso... 04 horas todo dia da nossa vida aqui, e até mais, é um tempo considerável e importante... então é bom ter uma sala com uma turma unida, alegre, que um ajuda o outro."</i>
Participante 2	<i>"Os professores também são responsáveis por tornar o ambiente acolhedor, restaurador... porque tem professor que às vezes chega com cada palavra que nos desanima, coloca para baixo... já tem outros que não, incentivam e confiam na gente."</i>
Participante 3	<i>"Só de ter de mudar as cadeiras da sala para um círculo já dá uma cara nova, um ar novo... todo dia sendo aquela fileira, um vendo o peçoço do outro, é chato."</i>
Participante 4	<i>"Ter mudado para esse prédio nos fez perder uma identidade enquanto grupo... no outro prédio já tinha nosso canto, era como se fosse nosso."</i>
Participante 5	<i>"Ainda estamos dando significado a esse novo espaço, acho que com o tempo e a rotina, transformaremos esse espaço em lugar"</i>

Observa-se, a partir das informações representadas nos Quadro 1 e 2 que espaços físicos nos quais ocorrem as relações de interação, sociabilidade e contato (sala de aula, biblioteca e praça de convivência) entre os indivíduos são considerados como ambientes acolhedores/restauradores. De acordo com as narrativas dos Participantes 1 e 2, cada instituição de ensino possui uma estrutura física que geralmente não é adquirida por decisão dos professores e estudantes, porém eles podem intervir no sentido de tornar o ambiente educacional universitário mais acolhedor.

Conforme Kaplan (1989), a necessidade de transformar o ambiente educacional em um lugar aconchegante, acolhedor e que promova segurança, também é importante para o desenvolvimento dos alunos, já que os mesmos passam uma grande parte do dia. A

aproximação do estudante com o ambiente acolhedor promove uma atitude de respeito e cuidado com o mesmo, sendo uma iniciativa na incorporação da ideia de sustentabilidade.

A narrativa do Participante 3, aborda que as práticas de ensino podem tornar o ambiente de sala de aula mais interativo e interessante. Segundo o participante, uma simples modificação da disposição das cadeiras, de uma decoração e/ou organização adequada do espaço já torna-se suficiente. Kaplan e Kaplan (1989), afirmam que a estruturação do espaço físico, apesar de, no caso das instituições acadêmicas, apresentarem uma padronização, esses espaços se tornam diferentes, pois a decoração, disposição dos móveis, etc., acabam dando um diferencial demonstrando a identidade de cada grupo.

Notou-se, através do trecho da narrativa do Participante 4 que o sentimento de pertença do grupo ao lugar é um elemento importante para a percepção de um ambiente restaurador. Neste momento, foi possível observar a estreita relação da percepção do ambiente restaurador e o vínculo com o lugar. O fato do Participante 4 ainda não ter construído um vínculo com o novo local no qual ocorrem as aulas, influencia o participante em não perceber esse espaço como um ambiente restaurador. A narrativa do Participante 5 corrobora com essa afirmativa, pois ele reconhece que o tempo e a rotina poderão estabelecer significados a esse novo espaço, e assim este pode ser transformado em lugar.

De acordo com Azevedo, Rheingantz e Bastos (2004), é fundamental que cada indivíduo apreenda o espaço de uma maneira interacionista e estabeleça uma relação com o mesmo, tornando-o em um lugar impregnado de significados, experiências afetivas e valores, que tendem a produzir sensações de alegria, segurança, bem-estar e conforto, ou até mesmo o inverso destas. Todas essas vivências sociais e cognitivas revelam uma dinâmica de relações além do espaço tridimensional, trazendo uma significação de "lugar" para os usuários.

### **Considerações Finais**

A Psicologia Ambiental tem um grande papel nos estudos modernos sobre o espaço e a inter-relação do homem com o meio ambiente. Este estudo nasceu da Psicologia e identifica-se com áreas multidisciplinares, principalmente o campo da educação. Ao falarmos dos ambientes restauradores têm-se como ponto de partida as teorias de Kaplan (1989) que investigou as propriedades dos ambientes, naturais ou construídos, e como eles podem restaurar a fadiga e a atenção.

A exposição a ambientes acolhedores pode contribuir para o bem-estar e a prevenção de doenças. Como tal, estes ambientes são um tema de destaque no estudo de benefícios para a saúde. A observação do ambiente acadêmico, correlacionado com as teorias aqui apresentadas, mostra que a instituição favorece o ensino e a aprendizagem pelas condições apresentadas em termos de espaços construídos destinados ao enriquecimento da interação e sociabilidade. Tal ambiente deve proporcionar harmonia e funcionalidade, não apenas para os discentes, mas para todos que fazem parte da instituição de forma direta ou indireta. A estética é importante, porém a prioridade deve ser a sensação de bem-estar, um lugar acolhedor no qual, com o decorrer do ano letivo, realizem modificações de acordo com as necessidades dos estudantes e do grupo.

O estudo da revisão da literatura sobre a Psicologia Ambiental demonstrou que esta é uma área ainda a ser explorada e que carece de fundamentação teórica. A partir da compreensão das relações, e inter-relações do sujeito com o ambiente/espço, possibilitam-se estudos sobre a importância da Psicologia Ambiental nos processos de subjetivação do espaço em contexto educacional.

## Referências

ARANTES, O. B. F. O lugar da arquitetura depois dos modernos. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

AUGÉ, M. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 2 ed. Campinas: Papirus, 2001.

AZEVEDO, G.; RHEINGANTZ, P. A.; BASTOS, L. E. G. O espaço da escola como o “lugar” do conhecimento: um estudo de avaliação de desempenho com abordagem interacionista. 2004.

CANTER, D.; CRAIK, K. Environmental psychology. *Journal of Environmental Psychology*, 1: 1-11, 1981.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. Temas Básicos em Psicologia Ambiental. Editora Vozes. 320 páginas. 2017.

CERTEAU, Michel de. Marches dans la ville. In: *L'invention du quotidien*. Paris: Gallimard, p. 139-169. 1990.

FERNANDES, Mariana Maia da Cruz. Relação entre espaço e lugar e o vínculo afetivo entre arquitetura e sociedade. *Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade do Oeste Paulista*. 2014.

FISHER, J. D., BELL, P. A., & BAUM, A. *Environmental psychology*, 2a ed. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1984.

GASKEL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64 – 89.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Brasília: Liber Livros, 2005.

GRANER, Karen Mebdes; RAMOS-CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu. Revisão integrativa: Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. Rev. Cien. Saúde Coletiva. 2017.

GUARDA, Gelvane Nicole; LUZ, Tatiane Nicaretta; RODRIGUES, Tamires; BELTRAME, Lisaura Maria. A roda de conversa como metodologia educativa: o diálogo e o brincar oportunizando o protagonismo infantil na sala de aula. Formação de professores: contextos, sentidos e práticas. IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividades e Educação. 2017.

GUNTHER, Hartmut; ROZESTRATEN, Reinier J. A. Psicologia Ambiental: Algumas Considerações sobre sua Área de Pesquisa e Ensino. Série: Textos de Psicologia Ambiental, nº 10, Instituto de Psicologia. Laboratório de Psicologia Ambiental Universidade de Brasília. 2005.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.

KAPLAN, R., & KAPLAN, S. The experience of nature: A psychological perspective. New York, NY: Cambridge University. 1989.

KAPLAN, S. The restorative benefits of nature: Towards an integrative framework. Journal of Environmental Psychology, 15, 169–182. 1995.

KUHNEN, Ariane; BERNARDES, Sandra Puff. Psicologia ambiental: a percepção de ambientes/espços restauradores nas escolas e em educandos com TDAH. Revista Uniasselvi Pós. vol. 1. 2014.

MELO, Marcia Cristina Henares de; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. Rev. Imagens da Educação, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. Estudos de Psicologia, 3(1), 121-130. Universidade René Descartes-Paris V. 1998.

OLIVOS, P. Ambientes escolares. In: *Psicología Ambiental*. J. I. Aragónés & M. Américo (coord.) Madrid: Pirámide, p. 205-223. 2010.

ROJAS-BERMÚDEZ, Jaime G. *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo: Editora Mestre Jou, capítulo 07. 1977.

SANTOS, M. O espaço geográfico como categoria filosófica. In: *5º Encontro Nacional de Geógrafos*. Porto Alegre. 1982.

STERN, P. C. Psychology, sustainability, and the science of human-environment interactions. *American Psychologist*, 55, 523–530. 2000.

TUAN, YI-FU. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.